

## SOBRE O ALTEAMENTO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

### *ABOUT THE RAISING OF PRETONIC MID VOWELS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A BIBLIOGRAPHIC ANALYSIS*

OLIVEIRA, César Alves de<sup>1</sup>

PACHECO, Vera<sup>2</sup>

LUEDY, Luciana Muscy<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva, por meio de uma análise bibliográfica, apresentar e discutir, dentro de preceitos linguísticos, o alteamento das vogais médias /e/ e /o/ para /i/ e /u/ em posição pretônica e as principais motivações que favorecem a ocorrência desse processo fonológico em dialetos do português brasileiro (PB). Vários autores têm se empenhado na discussão sobre a origem desse fenômeno, mas, apesar disso, a explicação do fenômeno ainda encontra algumas lacunas, pois há casos em que essas vogais são distintivas.

**Palavras-chave:** Alteamento; Vogais Médias; Sílabas Pretônicas.

**Abstract:** This paper aims through a bibliographic analysis at presenting and discussing within linguistic precepts the raising of the mid vowels /e/ and /o/ to /i/ and /u/ in pretonic position and the main motivations that favor the occurrence of this phonological process in dialects of Brazilian Portuguese (BP). Many authors have been engaged in discussing the origin of this phenomenon, but, despite this, the explanation of the phenomenon still has some gaps, because there are cases where these vowels are distinctive.

**Keywords:** Raising; Mid Vowels; Pretonic Syllables.

#### Como citar este artigo?

OLIVEIRA, C. A. de; PACHECO, V.; LUEDY, L. M. Sobre o alteamento de vogais médias pretônicas no português brasileiro: uma análise bibliográfica. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 149-170, 2021.

---

<sup>1</sup> Graduando no Curso de Letras Modernas, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vera Pacheco, docente permanente do Programa Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB) e coordenadora do Laboratório de Fonética e Fonologia (LAPEFF). E-mail: cesardeoliveira1599@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente dos Cursos de Letras Modernas e Letras Vernáculas e professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Proffetras - Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: vera.pacheco@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda no Curso de Letras Modernas, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vera Pacheco, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB) e coordenadora do Laboratório de Fonética e Fonologia (LAPEFF). E-mail: lucianaluedy134@gmail.com.

## 1 Introdução

O alteamento ou “alçamento” vocálico é uma mudança de altura de vogais, em que vogais médias altas se realizam como vogais altas. Esse processo ocorre com frequência nas vogais das sílabas pretônicas. É um fenômeno de natureza fonético-fonológica que, muitas vezes, é explicado como um processo de harmonia, como o alteamento que ocorre em *minino*, observado em diversos dialetos de norte a sul do país, o que exclui, em certos aspectos, a hipótese de que esse processo fonológico seja de natureza geográfica, indicando a existência de motivações linguísticas que possibilitam a variação. Câmara Jr. (1970), Callou, Leite e Moraes (2002), Bisol (2013), Carmo (2013), Hora e Vogeley (2013), dentre outros autores, apresentam diversas motivações para o alteamento vocálico.

Esta pesquisa, enquanto revisão de literatura, está centrada na análise de dados linguísticos sobre a variação de vogais médias em posição pretônica, encontrados em diversos trabalhos que discutem e problematizam possíveis motivações que levam ao processo de alteamento nos dialetos do português falado no Brasil. Além disso, busca evidenciar um fenômeno linguístico muito recorrente que, embora havendo diversas pesquisas que o relatam, carece de dados e explicações. Assim, o levantamento de análises aqui realizado está diretamente relacionado às vogais médias pretônicas, à harmonia e ao alteamento vocálico, como também a palavras que sofrem ação desse processo fonológico, palavras em que não há prevista a possibilidade de alteamento e ainda possíveis justificativas e instabilidades das teorias.

O objetivo do presente artigo é uma análise bibliográfica do alteamento das vogais em sílaba pretônica, com vistas a fazer um balanço das explicações dadas para o fenômeno e o alcance das mesmas.

## 2 O alteamento

Da perspectiva fonético-fonológica, o alteamento seria engatilhado pelo espriamento dos traços de vogais (principalmente as tônicas) e consoantes (tanto adjacentes quanto subjacentes), como também pelo favorecimento de vogais altas em proveito de médias-altas como decorrência do enfraquecimento das médias em posição pretônica ou um afrouxamento ou mudança de

articulação. Da perspectiva variacionista, haveria influências de variáveis sociais na realização de vogais médias em posição pretônica. Assim, o alteamento pode ser tido como um marcador dialetal, sendo esse processo marca de um dialeto privilegiado no passado, ou, ainda, haveria uma recriação arcaica de um quadro fonético contendo sete vogais em posição pretônica. Já da perspectiva morfo-fonológica, a derivação de palavras, através do acréscimo e/ou decréscimo de sílabas, seria a chave para a compreensão das variações das médias pretônicas por proporcionar um ambiente fonético favorável ao alteamento vocálico, da mesma forma que arcaísmos do latim e da ortografia do português possam ter se perpetuado na fala.

Para que se possa compreender o alteamento vocálico, deve-se, primeiramente, salientar a neutralização das vogais realizadas em posição pretônica. A neutralização das vogais é um mecanismo linguístico proposto pelo estruturalismo que visa à redução de diversos fones possivelmente realizados na fala para um único fonema, que, por sua vez, também é ortograficamente registrado por um único grafema (CÂMARA JR., 1970). Dessa forma, como uma “fuga” a esse padrão preestabelecido, o alteamento vocálico nada mais é que uma das possibilidades de variação da vogal fonológica na fala, que, segundo Monaretto (2011), se dá por meio da harmonia vocálica (em que o alteamento é engatilhado por traços de fonemas das sílabas adjacentes), por variáveis sociais ou, até mesmo, sem que haja uma motivação aparente (um fenômeno antigo e que se mantém estável nos dialetos).

Câmara Jr. (1970), baseado em dados do dialeto do Rio de Janeiro, definiu um quadro de vogais distintivas para o português falado, numa tentativa de “padronizar” as diversidades da fala dentro de limites linguísticos. O autor postula que, para o português brasileiro, há 5, 7, 4 e 3 vogais distintivas em posição pretônica, tônica, átona não-final e átona final respectivamente. Em posição pretônica, há a neutralização das médias-baixas /ɛ/ e /ɔ/ em razão das médias-altas /e/ e /o/ havendo as vogais /a, e, i, o, u/, ou seja, realizações como b[ɔ]lacha ou b[u]lacha para b[o]lacha não implicariam na mudança de significado da palavra, como pode ser observado também em p[ɛ]pino e p[i]pino para p[e]pino. Nos exemplos, pode-se identificar a neutralização, quando ocorrem vogais médias-baixas /ɛ/ e /ɔ/, e alteamento, quando ocorrem as vogais altas /i/ e /u/. A explicação para o alteamento da vogal pretônica /e/, em *pepino*, por exemplo, seria a presença da vogal tônica /i/, que levaria à harmonia

vocálica, como defendem Callou e Machado (2016), Monaretto (2011, e Hora e Vogeley (2013). Já na palavra *bolacha* não há um ambiente fonético favorável fornecido pela sílaba tônica para a elevação da vogal pretônica /o/, seria um caso de redução vocálica pela interferência da consoante labial adjacente sobre a vogal posterior, que, conforme a observação de Callou, Leite e Moraes (2002), provoca a elevação de /o/, mas não de /e/, considerando que esta última estivesse em posição pretônica sob as mesmas circunstâncias que a anterior, como ocorre, por exemplo, em *b[e]ladona* que não se realiza como *b[i]ladona* ou *p[e]lada* que se não se realiza como *p[i]lada*.

O alteamento em PB é um reflexo da perda de distintividade entre vogais médias-altas e altas quando localizadas em posição pretônica. Palavras como *f[u]guete*, *fal[i]cido*, *t[i]soura*, *c[u]ruja*, *c[u]leira*, *c[u]entro*, *[i]stante*, *[i]speto*, *b[i]rimbau*, *c[u]mida*, *c[u]chilo*, *t[u]rresmo*, *s[i]rviço*, *v[i]ludo*, entre diversas outras, não apresentam distintividade entre as vogais [o] e [u] nem entre [e] e [i] quando localizadas em posição pretônica, havendo as vogais altas em proveito das médias. Nos casos citados, segundo o que aponta Monaretto (2011) e Abaurre e Sandalo (2014), a causa do alteamento seria a harmonia, pela altura das vogais tônicas /i/ e /u/, ou a assimilação de traços de consoantes adjacentes e subjacentes quando a vogal tônica não exerce força assimilatória sobre a pretônica, uma vez que a vogal tônica é sempre fonologicamente distintiva. Contudo, há casos em que, na ausência de vogais altas em posição tônica e mesmo com a presença de consoantes com traços [+ dorsal], como as velares, [+ coronal], como as fricativas e africadas, ou [+ labial], como as bilabiais, não há elevação das vogais médias em posição pretônica. Os ambientes favorecedores do alteamento podem ser sintetizados como disposto no quadro 1:

Quadro 1 – Ambientes fonéticos que favorecem o alteamento de vogais médias-altas em altas pretônicas.

ambiente que propicia o alteamento	alteamento de [e] para [i]	alteamento de [o] para [u]
presença de vogal alta em posição tônica	<i>biringela</i> , <i>falcido</i> , <i>firido</i> , <i>mixido</i> , <i>pipino</i> , <i>sintido</i> , <i>vistir</i>	<i>burrifar</i> , <i>cuchilo</i> , <i>cumida</i> , <i>curuja</i> , <i>durmir</i>
presença do traço [+ dorsal] na consoante que antecede a vogal pretônica	<i>quirido</i> , <i>quintura</i>	<i>culeira</i> , <i>cuelbo</i> , <i>custume</i> , <i>escurregar</i> , <i>guela</i>

presença do traço [+ labial] na consoante que antecede a vogal pretônica	<i>birimbau, milindre, minino, viludo, piqueno</i>	<i>bulacha, buate, fuguete, mueda</i>
presença do traço [+ coronal] na consoante que antecede a vogal pretônica	<i>sintinela, sirviço, tisoura</i>	<i>surtudo, suvina, zueira</i>
antecipação da consoante fricativa	<i>iscora, ispada, ispelho, istado, istante, istrume, inxada</i>	(não foi observado)

A não ocorrência do alteamento não estaria direcionada a uma sequência específica, o que gera um certo questionamento acerca da continuidade sonora ser um fator determinante para a assimilação de traços. Em casos em que há coda consonantal na sílaba pretônica, não é observada nenhuma possibilidade de alteamento de [e] para [i], como nas palavras *certeza, cerveja, vermelho, pestana, besteira, resmungo, festival*, nem de [o] para [u], como em *corneta, cortejo, porteira, gorjeta, sorvete, sortudo, porcelana, porqueira*<sup>4</sup>, e também em casos com coda consonantal na sílaba tônica, como *resmungo, gotejamento, logística, logomarca, lojista, robusto, sebista*. Não se relata o fenômeno também em palavras em que há glide na pretônica, como em *azeitona, feitiço, leitoso, beijudo, beijoca, beijinho, feijoada, leseira, queijadinha, queixudo*. Quando há hiato ou ditongo próximo à vogal tônica, pelo menos nas palavras coletadas, não se identifica essa tendência de alteamento, como em *cenoura, porteira, letreiro, sorteio, doceiro, fofoqueiro, peneira, pereira, cegueira, leite, feios, roteiro, porqueira, leseira, boleiro, rejeito, vozeiro, loroteiro*.

Vistas essas diferentes configurações silábicas em que não há uma tendência aparente para o alteamento, mesmo com a presença de vogais tônicas altas e consoantes com traços potencializadores ao alteamento, a assimilação de traços pode não ser um fator aplicável universalmente. Por fim, palavras em sequência **CVCV**, sob as mesmas condições já citadas para a ocorrência do alteamento, não apresentam predisposição ao alteamento, como *veneta, vexame, telhado, fetiche, senado, resumo, cabeçalho, cebola, penedo, dedilhado, dedução, dedutivo, deferido, defesa, degelo, devido, fedegoso, felicidade, guerrilha, letivo, levedura, leveza, referido, cereja, periculosidade, diretora, soneto, bocejo, coletivo*,

<sup>4</sup> Palavras componentes de um corpus próprio e em andamento, selecionadas empiricamente para mais detalhamento em trabalhos futuros. Não foram observadas tendências para alteamento dentro do contexto dialetal utilizado como parâmetro.

SOBRE O ALTEAMENTO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

*cometa, cobiça, bobina, bocarra, boleto, folheto, botelha, bovino, gozoso, jocoso, jocosidade, lodoso, logotipo, poderoso, positividade, rochedo, roseta, rotina, saboroso*, entre outras. Os ambientes que inibem ou ainda em que não se identificam motivações específicas para o alteamento podem ser sintetizados conforme o quadro 2:

Quadro 2 – Ambientes fonéticos que desfavorecem o alteamento de vogais médias-altas em altas pretônicas ou não manifestam motivação específica aparente para o alteamento.

<b>ambiente que inibe o alteamento</b>	<b>permanência da vogal [e]</b>	<b>permanência da vogal [o]</b>
presença de coda rótica na sílaba pretônica	<i>bergamota, bermuda, certeza, certidão, certificado, cerveja, verdejante, vermelho, vertente, permuta, serpente, sertanejo</i>	<i>corneta, cortejo, gorjeta, porcelana, porqueira, porteira, sorvete, sorteio,</i>
presença de coda fricativa na sílaba pretônica	<i>besteira, festeiro, festival, pestana, resmungo, rescrito, restante</i>	<i>cosmético, costeiro, tosquiadeira</i>
presença de glide na sílaba tônica ou pretônica	<i>azeitona, beijola, beijudo, beijoca, beijinho, cegueira, celeiro, cenoura, delete, feijoada, feitiço, fevereiro, guerreiro, leseira, letreiro, peneira, queijadinha, queixudo, receita, trejeito</i>	<i>bobeira, boleiro, doceiro, fofoqueiro, lodeiro, pereira, roteiro, vozeiro</i>
presença de vogal média-alta tônica	<i>cereja, cebola, defesa, degelo, diretora, febroso, leveza, leproso, penedo, poderoso, veneta</i>	<i>bocejo, boleto, botelha, coletivo, cometa, folheto, lodoso, poderoso, rochedo, roseta, sofredor, soneto, saboroso</i>
sem motivação específica aparente	<i>cabeçalho, cretino, dedução, derivação, guerrilha, jejum, legível, letivo, levedura, sebista, telhado</i>	<i>bocarra, bovino, cobiça, gotejante, jocosidade, logomarca, lojista, positividade, robusto, rotina</i>

Em PB, como qualquer outra língua, é comum a existência de palavras que se distinguem por apenas uma característica, como é o caso dos pares mínimos. Muitas vezes, a distintividade pode ser marcada por um único segmento opositivo em sua realização na fala, como, por exemplo, nas palavras *b[ɔ]la* e *b[u]la* e *v[e]r* e *v[i]r*, em que a distintividade é marcada por um único

segmento. Todavia, quando se trata de vogais pretônicas, nem sempre a distintividade será fonética, a diferença pode ser mais semântica ou gráfica do que fonética, havendo a necessidade de coarticulação com outras palavras, como numa frase, por exemplo. Nesses casos, o alteamento pode ser um problema quando a palavra é realizada isoladamente. Em palavras como *vezinho* e *vizinho*, *discriminação* e *discriminação*, *anelado* e *anilado*, *descrição* e *discrição*, *verão* e *virão*, *emigração* e *imigração*, *estória* e *história*, *devido* e *divido*, *emerso* e *imerso*, *lenheiro* e *linheiro*, *emanado* e *imanado*, a distintividade entre /e/ e /i/ pode ser gráfica ou estabelecida por um contexto que está além da fonética, como é o caso das palavras *morrinho* e *murrinho*, *comprimento* e *cumprimento*, *comprido* e *cumprido*, *corado* e *curado*, *morada* e *murada*, *soquinho* e *suquinho*, em que também se nota a perda de distintividade entre /o/ e /u/. A perda de distintividade entre vogais altas e médias-altas pode ser esboçada a partir do quadro 3:

Quadro 3 – Casos de comprometimento semântico no alteamento entre vogais médias-altas e altas pretônicas.

Ocorrências de comprometimento semântico no alteamento de [e] e [i]	Ocorrências de comprometimento semântico no alteamento de [o] e [u]
<i>anelado e anilado, descrição e discrição, discriminação e discriminação, devido e divido, emanado e imanado, emerso e imerso, emigração e imigração, estória e história, lenheiro e linheiro, verão e virão</i>	<i>comprido e cumprimento, comprimento e cumprimento, corado e curado, morada e murada, suquinho e soquinho</i>

### 3 Hipóteses históricas para o alteamento

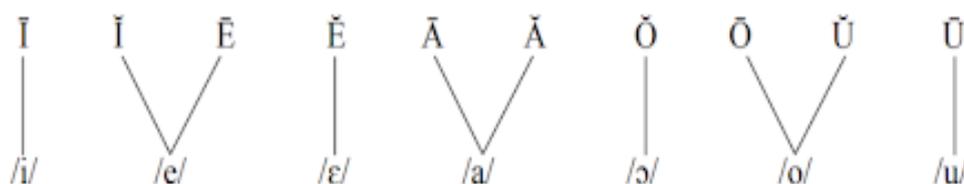
A língua portuguesa, assim como a francesa, a italiana, a romena, a espanhola, entre várias outras, tem sua origem na vulgarização do Latim Clássico romano. Logo, o latim que se falava em Roma não se igualava ao que era falado na Península Ibérica, por exemplo, levando a instabilidades no que se refere à homogeneidade da língua. Hricsina (2013) busca identificar, por meio de dados históricos, instabilidades dentro do sistema vocálico do Latim Vulgar que levantam possíveis hipóteses para o alteamento vocálico em posição pretônica ter se perpetuado na língua portuguesa, mesmo com o estabelecimento de regras linguísticas, como a redução da quantidade de vogais pretônicas no português brasileiro por exemplo.

Um dos primeiros problemas descritos por Hricsina (2013) é o complexo sistema de regras que determinava a posição tônica das sílabas, em que, a depender da quantidade de sílabas, do tipo de combinação fonética e até mesmo da classe gramatical, havia variação nas regras de acentuação. Embora o Latim Vulgar siga boa parte das regras de acentuação do Latim Clássico, algumas mudanças de acentuação refletem uma mudança de timbre das vogais, como as palavras *petere* (do Latim Clássico) para *pedir* (do Latim Vulgar), em que a mudança na acentuação provoca uma maior altura para a vogal tônica. O autor justifica que:

A mudança principal que afetou o acento no Latim Vulgar, foi a substituição do acento quantitativo-melódico pelo acento de intensidade, ou seja, a passagem dum tipo de acento para outro. Enquanto que no Latim Clássico a sílaba acentuada se pronunciou num tom mais agudo e era mais longa do que a não-acentuada, no Latim Vulgar, provavelmente desde o século III a. C., começa a expandir-se o acento de intensidade (cf. Väänänen 1981:32). A sílaba acentuada passa a pronunciar-se, assim, com mais intensidade e energia. Em consequência, é esta energia que falta ao pronunciarem-se as vogais átonas que passam a ser pronunciadas de maneira reduzida ou com um timbre modificado. A qualidade destas vogais modifica-se e, nalgumas línguas, este fenómeno pode levar à queda de toda a sílaba (Português, Romeno) (HRICSINA, 2013, p. 207).

Vistos os impactos dessa mudança em posição tônica, a perda da quantidade vocálica provocou a unificação de vogais longas e breves, diminuindo a oposição fonológica baseada na duração de segmentos. No Latim Clássico, havia a mesma quantidade de vogais breves (Ā, Ē, Ī, Ō, Ū) e longas (Ā, Ē, Ī, Ō, Ū), e a oposição na escrita era estabelecida por diacríticos diferentes. Conforme Hricsina (2013), a quantidade vocálica deu espaço à qualidade vocálica entre os séculos II e VI, ocasionada pela abertura das breves e fechamento das longas, com exceção da vogal A. Podemos observar isso nas palavras *populus* (povo) e *pōpulus* (álamo) e *pilus/pilum* para pelo, como o autor ilustra na figura 1:

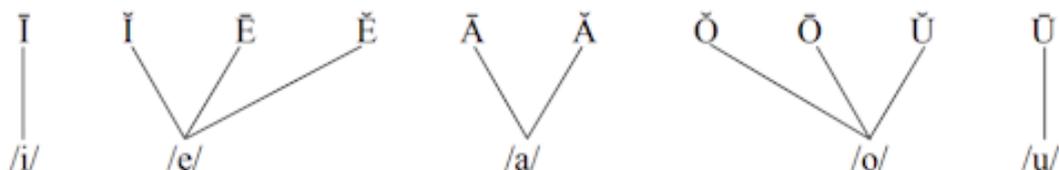
Figura 1 – Transição de vogais átonas do Latim Clássico para o Latim Vulgar.



Fonte: Hricsina (2013, p. 207).

Em posição pretônica, a supressão é ainda maior, tendo a redução de 7 para 5 vogais, o que diminui ainda mais a oposição fonológica entre a duração e abertura das vogais, ainda com uma maior estabilidade de A, que observamos a partir da figura 2:

Figura 2 – Transição de vogais átonas do Latim Clássico para o Latim Vulgar.



Fonte: Hricsina (2013, p. 209).

Como consequência dessa minimização no quadro de vogais átonas, Hricsina (2013) retrata diversas mudanças para a evolução das línguas românicas. Acerca da língua portuguesa, o autor descreve momentos-chave para possíveis modificações, como a passagem do Português Antigo (fim do séc. XII), com os primeiros registros escritos na língua, para o Português Médio (metade do séc. XVI), em que há as primeiras gramáticas para a língua e o surgimento de *Os Lusíadas*, ambas passagens são delimitadas pela separação do Galego-Português, em razão da queda da poesia de mesmo nome. Mesmo que ainda haja um caráter conservador na língua portuguesa nesse período, já há mudanças na metafoia, evidenciadas pelas oscilações gráficas das vogais /e, i, o, u/ em posição pretônica, como o autor expõe:

A realização dos grafemas <e> e <i> no início de palavra é caracterizada por muitas confusões entre os respectivos fonemas /e/ e /i/. Às vezes, o elemento vocálico pode ser ditongado /ej/. Estas oscilações estão documentadas em textos provenientes da respectiva época (idade/edade/eidade, igreja/eigreja, escritura/iscritura) (Mattos e Silva 2008: 498–9). No Corpus, este tipo de variação foi provado no caso da palavra igreja. [...] As mesmas oscilações estão registadas também na realização destes grafemas dentro da palavra, mas neste caso as mudanças são motivadas pela metafoia. Isto quer dizer que a vogal na posição pretônica se eleva sempre que na sílaba tónica existe uma vogal alta /i/ ou /u/. Segundo os dados fornecidos pelo primeiros gramáticos do Português, estas mudanças estão estabelecidas no Português falado na Corte real. Muitas oscilações ou variações nestes fonemas podem ser encontradas em textos provenientes de uma época mais remota (vendita/vindita, vegiar/vigiar, veuva/viuva, pidimos, pidi, firidas, sirvia, mininos, pirigos) (Mattos e Silva 2008:499). No Corpus, as variações na grafia foram encontradas, por

exemplo, nas palavras *veuva/viuva*, *pedir/pidir* e *menino/minino* (HRICSINA, 2013, p. 214-215).

Uma última transição ocorre na língua portuguesa entre a metade do século XVI (com *Os Lusíadas*) e o início do século XVIII (que se mantém até o tempo presente), na qual o alteamento das vogais pretônicas se mantém recorrente desde o século XVII e se estabiliza já no português moderno, como /o/ para /u/ em *molher* e *mulher*, segundo Hricsina (2013). Com isso, o autor conclui que a hipótese de que as oscilações e variações gráficas do Latim Clássico para o Latim Vulgar, como também as mudanças durante a evolução da Língua Portuguesa, podem confirmar uma influência na variabilidade de realizações para as vogais átonas em posição pretônica.

Em conformidade ao exposto por Hricsina (2013), Bisol (2015) apresenta um breve histórico do processo de assimilação na língua portuguesa baseado em dados de natureza histórica, a partir das letras e gramáticas produzidas durante a evolução da língua, desde seu surgimento, com a vulgarização do latim para o galego-português, até o português contemporâneo. Para a investigação do processo assimilatório, foi utilizada uma periodização de cinco fases, embora não haja precisão quanto à data exata referente ao surgimento do português como língua. Essas fases seguem divididas em inicial (entre os séculos IX e XIII), medieval (do século XIII ao XV), clássica (do século XVI ao XVIII), período crítico (século XIX) e período contemporâneo (do século XX aos dias atuais). A autora relata que o galego-português tem sua autonomia com a queda do Império Romano e seu reconhecimento em razão da variedade de produções poéticas e teatrais referentes às cantigas trovadorescas, estabelecendo-se como língua da poesia lírica. Contudo, com a separação de Portugal pela anexação da Galícia ao que conhecemos hoje como Espanha, o galego-português divide-se em línguas distintas, mesmo que alguns teóricos insistam na afirmação de que o português falado em Portugal, o português falado no Brasil e o galego sejam dialetos da mesma língua.

Dado o contexto de formação da língua, Bisol (2015) evidencia o crescente aparecimento de palavras marcadas por harmonia vocálica e alteamento sem motivação aparente, justificadas pela comparação com o latim, mostrando que o alteamento é um fenômeno que ocorre desde os primórdios do português enquanto uma protolíngua. Na fase inicial, por meio do estudo *The Latinity of Dated Documents in the Portuguese Territory* (Norman P. Sack,

1941), encontra-se a queda de fonemas e o favorecimento de /i, u/ em proveito de /e, o/ nas palavras *custumes*>*consuetudinem*, *mulinos*>*molina*, *pigureiro*>*pecuariarium*, *vindigar*>*vendicare*, por harmonia, e *cumtestamus*>*contestamus*, *contuversiae*>*controversiam*, *cunlomento*>*cognomentum*, *lugares*>*locales*, *vinder*>*vendere*, por alteamento. Na fase medieval, com base nos textos o *Orto do Esposo* e o *Tratado de Confisson*, a autora aponta um aumento de casos de harmonia e alteamento, respectivamente, em palavras como *acustumar*~*acostumar*, *apustura*~*apostura*, *buticaryo*~*boticairo*, *cigidade*~*ceguidade*, *cuvertura*~*cobertura*, *consintysse*~*consentysse*, *dirritido*~*derretido*, *descubrir*~*descobrir*, *encubrir*~*encobrir*, *espicialmente*~*especialmente*, *falicimento*~*falecimento*, *gimido*~*gemido*, *minino*~*menino*, *pidir*~*pedir*, *rispirar*~*respirar*, *siguidor*~*seguidor*, *testimunhar*~*testemunhar* *vistir*~*vestir* e *dileytamento* (deleitamento), *possisson* (possessom), *ticer* (tecer). Ainda na fase medieval, considerando-se ainda o *Tratado de Confisson*, as palavras citadas e suas derivações se mantêm estáveis, é dada atenção aos alteamentos em *jugatais* (jograis), *pumar* (pomar), *timer* (temer), *timor* (temor); há, nesse período, a ressalva de harmonia vocálica como uma regularidade permitida por uma regra variável, enquanto o alteamento é tido como equivocado. Na fase clássica, na qual a língua é enaltecida como “elegante para a expressão de conteúdos ideológicos” por sua vasta produção escrita em português, Bisol (2015) expõe que, mesmo que haja uma grande quantidade de produções, a harmonia vocálica continua presente, como em *Os Lusíadas* (1572), segundo Poggi de Assis et al (1966), tendo casos de harmonia presente e em crescimento.

Com o surgimento das primeiras gramáticas da língua, devido a um caráter didático, há a presença de justificativas para o alteamento conforme a grafia instável das vogais /e, i, o, u/. Logo, os registros variados são correlatos de uma baixa distintividade entre as vogais citadas. Segundo Bisol (2015), por meio de Fernão de Oliveira (1536), há uma suposição sobre a existência de influência de traços não-vocálicos no alteamento de vogais. A frequência de casos com harmonia vocálica permanece estável, porém também é noticiada uma maior ocorrência do alteamento sem motivação aparente, como é o caso de *cilleyro*~*celleyro*, *fugareyro*~*fogareyro*, *piqueno*~*pequeno*, *puderão*~*poderão*, *tisouro*~*tesouro*, entre outras palavras. Posteriormente, no século XVIII, há um indício de tentativa de “padronização” dessas variedades gráficas nas gramáticas

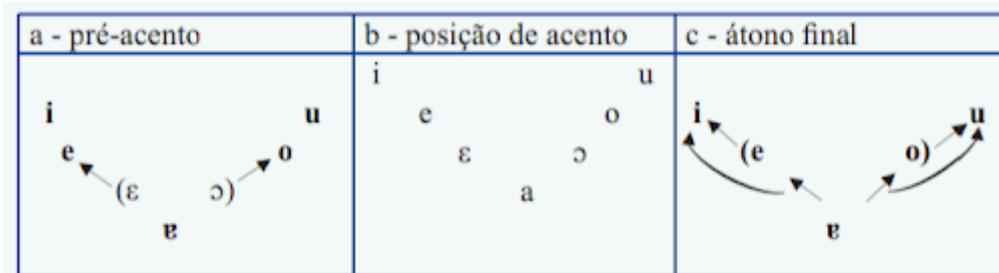
recorrentes, como Bisol (2015) demonstra pela análise de *Orthografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*, de Madureira Feijó. No texto referido, palavras em harmonia e alteamento são “orientadas” a uma determinada pronúncia por meio da ortografia, como nos casos *abitumar~abetumar*, *atrivido~atrevido*, *burrifar~borrifar*, *firir~ferir*, *milindre~melindre*, *algudão~algodão*, *custela~costela*, *cutuvelo~cotovelo*, *escurregar~escorregar*, *negrijar~negrejar*, *tinente~tenente*, entre tantas outras.

No século XIX, ou período crítico, como a autora define pelo fato das mudanças que nele são marcantes, Bisol (2015) considera que há, de fato, a perda de distintividade das médias pretônicas, levando a uma centralização em posição pretônica em proveito das médias no português europeu (PE). As gramáticas que conduzem a uma forma única para pronúncia continuam a surgir, e há o relato indicial de que o alteamento condicionado pela harmonia vocálica se mantém em PB até o século XVIII, mas, no século XIX, torna-se exclusivo do português falado no Brasil. Por conseguinte, no século XIX, o português do Brasil e o português europeu passam a ser considerados dois dialetos de uma mesma língua, em que as variedades linguísticas não interferem no sistema básico, comum a ambos.

No português contemporâneo, em que as mudanças entre os dialetos já são evidentes, não há mais o apego a registros escritos como fonte para a investigação de assimetrias, a fala passa a ser gravada e analisada em dados mais precisos e científicos, já que, no século XX, nota-se um gigantesco crescimento das ciências objetivadas na análise e descrição da linguagem humana, como a linguística, engatilhada pelos trabalhos de Ferdinand de Saussure e continuada por muitos outros. Visto isso, a escrita passa a ter um papel de pouca funcionalidade, tendo a ortografia praticamente similar entre PB e PE. No entanto, em PB, a harmonia vocálica é naturalizada e há um recorrente alteamento em diversos contextos fonológicos, embora não haja um aprofundamento quanto às suposições.

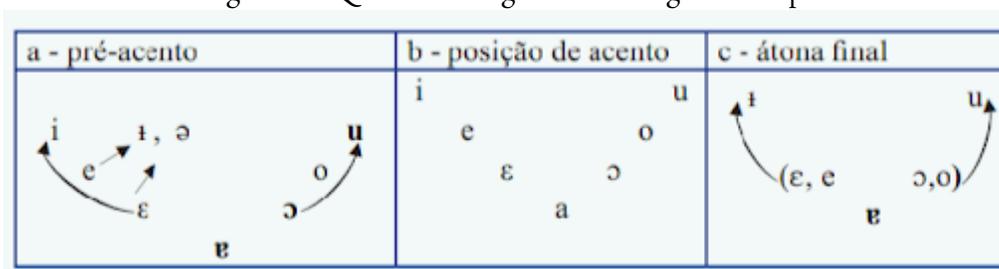
Bisol (2015) sugere que a divisão mais potente entre o sistema vocálico do PB e PE, atualmente, se dá em decorrência das pretônicas. Como visto anteriormente com Hricsina (2013), em posição tônica há de fato a mesma quantidade de vogais distintivas em ambos dialetos, /a, ε, ɔ, e, o, i, u/. Contudo, quando se analisa a posição pretônica, são consideradas configurações diferentes para os dialetos, como se observa nas figuras 3 e 4:

Figura 3 – Quadro de vogais em Português Brasileiro.



Fonte: Bisol (2015, p. 201).

Figura 4 – Quadro de vogais em Português Europeu.



Fonte: Bisol (2015, p. 201).

Em comparação aos quadros de Hricsina (2013) e Bisol (2015), o português falado no Brasil parece estar mais próximo do quadro de vogais do latim, já que o PB parece recorrer ao quadro fonético que contém mais vogais altas, embora apresentem uma baixa distintividade, diferente do PE em que há uma neutralização e centralização mais marcadas. Portanto, a harmonia e o alteamento são fenômenos antigos que foram favorecidos e enraizados no contexto fonológico do PB, ocorrendo o processo contrário em PE e ocasionando a separação dos dialetos.

Ainda nesse contexto de uma busca por justificativas para a instabilidade de altura e abertura das vogais médias em posição pretônica no Português Brasileiro, Silva (2013) apresenta possíveis motivações históricas para as ocorrências na atualidade. A partir de uma divisão que classifica geograficamente a distribuição dialetal em norte (que corresponde às regiões Norte e Nordeste) e sul (voltada às regiões Sul e Sudeste), a autora relata que os dialetos do norte, em especial da região Nordeste, mostram-se mais conservadores que os da região sul. A razão para isso seria validada pelo fato de que a colonização do território brasileiro, no século XVI, teria sido estabelecida, a princípio, na região Nordeste, polarizada pelas cidades de Olinda e Salvador, onde se observa uma

forte presença de portugueses, além de serem consideradas como importantes centros socioculturais e de desenvolvimento da língua até o século XVIII. Acerca do Sul, Silva (2013) descreve que havia também dois pólos socioculturais de importância semelhante às cidades nordestinas, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, mas, ao contrário das outras cidades, a primeira teve como preferência a “língua geral” em favor do idioma lusitano, o que levou ao desenvolvimento de uma variedade inovadora; já a segunda teve, inicialmente, um fraco desenvolvimento no século XVI, tendo, entretanto, uma maior presença de lisboetas nos séculos seguintes, como também a chegada da Família Real Portuguesa em 1808, o que elevou a cidade a nível de capital do Império e, conseqüentemente, ao estabelecimento de uma variedade conservadora. Ainda sobre o Sul, a região mais setentrional teve uma colonização tardia formada por imigrantes majoritariamente açorianos e de diferentes partes da Europa e até mesmo da Ásia. Dessa forma, pode-se especular que a mudança dialetal seja reflexo do distanciamento, conforme Silva (2013) declara:

[...] Enquanto o Nordeste foi povoado por levas de portugueses principalmente do Norte de Portugal ao longo de três séculos, o Sul recebia, nos séculos XVIII e XIX, açorianos, outros europeus e asiáticos, além da norma urbana da Corte do início do século XIX. Em outras palavras, o português brasileiro foi formado com a concorrência da variedade dos imigrantes (incluindo os lisboetas da Corte), que mantinham entre si diferenças regionais, já que vinham de diferentes partes do Reino, e diferenças de classe social, especialmente em relação à Corte. Tais diferenças que a História construiu sobre o território nacional certamente teriam que se refletir sobre a língua (SILVA, 2013, p. 127).

Silva (2013) descreve também hipóteses para a abertura das vogais médias pretônicas baseadas, principalmente, em motivações ortográficas, embora quase não haja menção acerca do processo de alteamento, talvez pelo fato de que seu objetivo tenha sido contrastar os dialetos do Sul e do Norte em linhas mais gerais.

Considerando as análises diacrônicas feitas pelos autores, através de fatos históricos e remontagem dos quadros fonéticos das vogais, é inegável que as variações de vogais médias em posição pretônica possam ter alguma relação com acontecimentos e fatos extralinguísticos. Contudo, as informações apresentadas não podem ser utilizadas como nada além de indícios em razão da impossibilidade de reconstrução dos falares e da necessidade de uma maior investigação sobre o que de fato levou à ocorrência do fenômeno em PB.

#### **4 O alteamento na visão brasileira contemporânea**

Desde que os estudos linguísticos ganharam destaque no início do século XX, a partir do estruturalismo de Saussure, diversos autores têm buscado justificativas e descrições para a linguagem humana. No Brasil, Câmara Jr. teve um papel fundamental com o estabelecimento de textos que promovem o dialeto brasileiro como distinto do europeu e que, embora com algumas instabilidades, como é o caso da descrição das vogais átonas, apresentam dados categóricos acerca dos processos fonológicos que ocorrem em PB. Visto a presença de inconstâncias, diversos autores têm se objetivado na análise dos processos fonológicos que ocorrem em dialetos do Brasil com uma maior atenção às especificidades que cada subdialeto apresenta.

Leda Bisol, com uma vasta produção escrita sobre diversos processos relacionados às vogais, tem apresentado, desde meados dos anos 1980, diversos trabalhos relacionados às vogais pretônicas e sua variabilidade de realizações sob a análise acústica, principalmente no que se refere aos dialetos do Sul do Brasil, mas que contribuem para a investigação em diversos contextos. Outros autores, com enfoques diferentes, como as perspectivas morfo-fonológicas e variacionistas, por exemplo, também têm apresentado dados relevantes para o alteamento de vogais, como Luiz Carlos Schwindt, Dermeval da Hora, Ana Vogeley, Filomena Sandalo, Valéria Monaretto, Luciani Tenani, entre diversos outros. Todavia, ainda que haja tantas pesquisas relacionadas às diversas realizações presentes em posição pretônica, nota-se que, ao passo que muitos trabalhos estão centrados na observação da harmonização e neutralização das pretônicas, há uma carência de dados sobre o alteamento sem que haja uma motivação aparente.

O processo de alteamento é secundarizado nas descrições que se tem em relação às vogais pretônicas. É referido de forma um pouco mais satisfatória quando explicado como consequência da harmonia vocálica ou quando contrastado com o processo de neutralização entre as médias-baixas e médias-altas. Há trabalhos que o descrevem pela redução, porém as regras para sua aplicação são volúveis e apresentam algumas exceções, principalmente quando se compara contextos dialetais diferentes. Ainda com uma menor definição, a morfologia, dentro da derivação lexical, cita o alteamento como uma assimilação que pode ser manifestada pela afixação ou ainda mudança

temporal-aspectual, como é o caso dos verbos. Do ponto de vista variacionista, o alteamento é tido como um dado identitário que define grupos sociais e dialetais, mas não há também justificativas sobre motivações para sua ocorrência.

## 5 Algumas justificativas possíveis para o alteamento vocálico em PB

Por ordem cronológica, vejamos a seguir algumas suposições, dentro de diferentes perspectivas, para o alteamento vocálico em PB, referente às pretônicas.

Callou, Leite e Machado (2002), com base no modelo variacionista, apontam uma possível recriação do quadro fonético de 7 vogais em posição pretônica, como o do latim vulgar esboçado anteriormente por Hrscina (2013). O alteamento se mostra como um processo antigo, marcado pela maior ocorrência na fala de pessoas mais velhas e no decréscimo com a diminuição da faixa etária, tendo a variação como conservadora. Já a harmonia é caracterizada como uma difusão lexical, visto que a elevação de /e/ e /o/ não pode ser universalizada, como é o caso do falar carioca na configuração **CV**, no qual a elevação de /e/ para /i/ é praticamente categórica, enquanto a de /o/ para /u/ é inibida nas mesmas condições. Há também a afirmação de que o espraiamento de traços é de fato responsável pela elevação das pretônicas quando não há possibilidade de harmonia, como em *b[**u**]lacha* (em que há a interferência da consoante bilabial) e [**i**]*spelho* e [**i**]*scora* (nos quais nota-se uma possível antecipação da fricativa).

Schwindt e Collischonn (2004) trazem uma abordagem com um enfoque de natureza morfológica, no que se refere ao alteamento vocálico de verbos em PB. A razão para a ocorrência de alteamento em palavras derivadas de verbos de 2ª e 3ª conjugações, de acordo com os autores, seria a variabilidade de flexões permitidas pela afixação de palavras. A exemplo disso, temos o verbo *mexer*, quando flexionado, como em *mexi*, a vogal /i/ proporciona o alteamento, mas quando flexionado na 3ª pessoa do presente do indicativo, por exemplo, na forma *mexe*, não há tendência de alteamento, possivelmente pela mudança de posição tônica e ausência de um ambiente favorável ao alteamento, da mesma forma que ocorre com o verbo *pedir* nas formas *pedi* e *pede*. Diferentemente de outras classes de palavras, os verbos permitem uma melhor avaliação no que se refere a uma possível divergência entre fala e escrita ou uma elevação de fato

motivada. Por ser um trabalho de cunho descritivo, há a carência de uma maior exploração do tema. Posteriormente, em conformidade, Schwindt (2013) pressupõe que a variação depende do contexto dialetal, e, da mesma forma, o contexto dialetal resulta na ocorrência de variações, em razão disso, o autor vê o processo de formação das palavras como “chave” para a compreensão do alteamento em PB.

Com base num modelo de análise sincrônica, Monaretto (2011) investiga o alteamento de /e/ e /o/ em posição pretônica no dialeto gaúcho. Neste trabalho, há a suposição de que a variação das vogais pretônicas, em geral, seria um resquício de regras arcaicas do latim. Outra observação feita é que o contato e influências de outras línguas podem preservar a realização das médias pretônicas e inibir o alteamento, como ocorre no Sul devido à forte influência europeia, havendo uma incerteza quanto a um condicionador linguístico no dialeto gaúcho. O alteamento de médias-fechadas é notado em três circunstâncias: quando precedem vogais altas presentes na sílaba seguinte, como em *menino* e *coruja*; quando o /e/ inicial antecede a sibilante /s/ e as nasais, como em *espada* e *enxada*; e quando não ocorre nenhuma das situações citadas, como em *pequeno* e *tomate*. Há a conclusão de que a vogal alta é responsável pelo alteamento, com as variáveis sociais indicando a presença do processo mais frequentemente em faixas etárias mais elevadas, havendo ainda um questionamento da natureza das motivações que levam ao alteamento sem motivação aparente.

Ferreira Netto (2011) descreve que as vogais se opõem a partir de três graus de abertura, considerados distintivos somente em posição tônica. O autor pressupõe que o alteamento seria resultante de um dialeto privilegiado no passado que se perpetuou nos dias atuais, mesmo com as tentativas de homogeneização. O alteamento seria a consequência de vogais altas na sílaba tônica, portanto, harmonia vocálica. Haveria, ainda, o alteamento de vogal coronal, pela influência da vogal tônica, e o alteamento de vogal dorsal-labial, pela consoante precedente.

Por meio de uma investigação voltada à escrita, Tenani e Reis (2011) apontam uma certa fragilidade na ortografia enquanto tecnologia de aproximação entre língua e fala, já que, embora busque homogeneizar as diferenças das variedades linguísticas, provoca outras variações, como a distinção etimológica entre as palavras *descrição* e *discrição*, que se confundem pela

elevação de /e/ em razão de /i/, que pode provocar o registro da segunda durante a escrita. Há, portanto, uma relação não-biunívoca entre grafemas e fonemas, que proporciona uma interferência dialetal no processo de escrita.

A Teoria da Otimalidade, segundo Hora e Vogeley (2013), sugere que a vogal presente na sílaba seguinte à pretônica seria o fator determinante para a realização de vogais altas, médias-altas e/ou médias-baixas em posição pretônica. Podemos observar isso nas palavras *celular* e *teclado*, utilizadas na análise, em que há as possibilidades de *c[e]lular*, *c[ɛ]lular* e *c[i]lular* para a primeira e *t[ɛ]clado* e *t[e]clado* para a segunda. A aplicação da teoria pelos autores prevê que haveria dois tipos de neutralização, um que privilegia, em posição pretônica, as vogais médias-altas em dialetos do Sul e Sudeste (como o dialeto paulista e gaúcho, por exemplo) e outro que emprega as vogais médias-baixas em dialetos do Nordeste (como o baiano e recifense). Esses dados apontam que a variação de vogais em posição pretônica, seja por harmonia, redução ou neutralização, são mais presentes e quase categóricas nos dialetos nordestinos (como o alagoano, baiano, cearense e pernambucano), frequentes no dialeto mineiro e não muito aplicáveis ao dialeto paulista.

Carmo (2013) apresenta uma apuração sobre possíveis motivações que provocam a elevação de vogais médias pretônicas no interior paulista sob as possibilidades de assimilação de traços, afrouxamento ou mudança de articulação em decorrência de um enfraquecimento dessas vogais, descritas por Câmara Jr. em 1970. Há a consideração de duas causas para o alteamento: a harmonia e a redução. De acordo com a autora, há variáveis independentes linguísticas para o alteamento, como a altura da vogal presente na sílaba subsequente à pretônica-alvo (ex.: *mintira* e *prucurava*), a tonicidade presente na sílaba subsequente à pretônica-alvo (ex.: *mobilidade* e *procurar*), a distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo (ex.: *per. ce. bi e co. nhe. ci*), a distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo (ex.: *a. cre. di. ta. va* e *cons. tru. ir*), dentre diversas outras. A resolução da exploração do tema se finaliza na premissa de que a tonicidade seja importante, mas não determinante para a elevação, como também a presença de coda e nasalidade desfavorecem o alteamento em pretônicas, em contraste com a ausência da nasalidade que atribui neutralidade à vogal, e, ainda, que o alteamento de /e/ seja mais proporcionado pelo traço [+dorsal] das consoantes, da mesma forma que o traço [+labial] interfere na elevação de /o/.

Abaurre e Sandalo (2014) buscam justificar a harmonia vocálica através da Teoria da Dispersão (FLEMMING, 2004), embasando dados numa análise interdialetoal. Embora a pesquisa esteja centrada na discussão sobre a harmonia engatilhada pela vogal /a/, as autoras conseguem explicitar características que podem ser atribuídas à justificativa do alteamento de vogais em posição pretônica. Uma das hipóteses seria a ocorrência de uma dispersão acústica de traços no sistema fonológico, causando a diminuição do espaço vocálico. O alteamento por harmonia teria como sua causa a diminuição do espaço de contraste, em razão de uma menor distância fonética, que pode ser observada em palavras como *c[u]ruja* e *m[i]nino*, em que, no primeiro caso, a vogal tônica e a consoante pretônica adjacente possuem o traço [+ posterior] e, no segundo caso, a vogal tônica e a consoante que a acompanha em posição de ataque possuem o traço [+ anterior], havendo o estreitamento de contrastes pelos traços. Dito isso, há a evidência de que a seleção de contrastes, nos exemplos citados, está atrelada a uma minimização do esforço articulatório, que reflete uma menor distintividade entre [o] e [u] e [e] e [i] quando encontram-se favorecidas pelo menor número de contrastes.

Por fim, Callou e Machado (2016), a partir de uma análise acústica, discorrem sobre a harmonia vocálica e assimilação pela hipótese de uma assimilação de traços consonantais e da presença de “vogais derivadas” entre as médias-fechadas e altas não subjacentes, em que há a indicação de uma maior força assimilatória exercida por [i] em comparação a [u]. A motivação aceitável para isso seria a forma em trapézio da boca, que permitiria um espaço maior para a produção de vogais anteriores do que as posteriores, em alguns casos. Já em relação às posteriores, a elevação se dá pelo ajustamento do ponto de articulação da consoante precedente, como nos casos em que essa consoante é uma labial ou velar. Os resultados finais apontam que, no processo de alteamento, as vogais anteriores derivadas são mais fechadas e próximas às semelhantes tônicas, enquanto as vogais posteriores se aproximam das vogais tônicas, havendo uma vogal alta “homorgânica” (que copia os traços da vogal tônica), quando não há harmonia vocálica, há um emparelhamento com a altura da vogal tônica.

Perante o que foi apresentado, mesmo com algumas oposições que variam em cada autor, prevalecem as declarações, na maioria dos casos, de que o alteamento vocálico seja motivado pela harmonia, pela redução ou ainda pelo resquício arcaico do quadro vocálico do latim. Porém, quando se busca

explicações para o alteamento sem motivação e a perda de distintividade na fala, como o exemplo pertinente em Tenani e Reis (2011), as explicações tornam-se vagas e carentes de dados para afirmações mais sólidas, demonstrando que a investigação sobre as motivações que cercam esse processo fonológico ainda são superficiais em diversos modelos de análise.

## Conclusão

Com base nos dados e declarações que foram aqui apresentados, o alteamento de vogais médias em posição pretônica no Português Brasileiro se mostra como um fenômeno bastante recorrente e, ao mesmo tempo, intrigante. Foi possível identificar a existência de ambientes fonéticos que proporcionam a ocorrência do alteamento, tais como a presença de vogal alta na sílaba tônica (ex.: *biringela* e *curuja*), a presença de traços [+ dorsal] (ex.: *quirido* e *culeira*), [+ labial] (ex.: *piqueno* e *bulacha*) e [+ coronal] (ex.: *sirviço* e *suvina*) na consoante que antecede a vogal pretônica e a possível antecipação de consoantes fricativas, tanto em posição de ataque na sílaba tônica (ex.: *inxada*) quanto em posição de coda na sílaba pretônica (ex.: *istante*). Não obstante, foram identificados ambientes fonéticos que inibem a ocorrência do alteamento de vogais médias pretônicas, como a presença de coda rótica ou coda fricativa na sílaba pretônica (ex.: *bergamota*, *cosmético*, *festival* e *sorvete*), a presença de glide na sílaba tônica ou pretônica (ex.: *feitiço*, *letreiro* e *roteiro*), a presença de vogal média-alta na sílaba tônica (ex.: *cereja*, *cebola* e *coletivo*) e sem motivação justificável aparente (ex.: *derivação* e *lojista*). Além disso, nota-se também a presença de palavras que margeiam a ocorrência de um alteamento que torna vogais médias-altas e altas indistintas em posição pretônica, como em *anelado* e *anilado*, *corado* e *curado*, *verão* e *virão* e *vezinho* e *vizinho*, que suscitam a hipótese de que vogais médias-altas e altas em posição átona ainda manifestam distintividade.

Apesar da vasta quantidade de trabalhos que percorrem razões mais ou menos plausíveis para a elevação das médias pretônicas /e/ e /o/, este trabalho se finda aqui, pelo fato de estar limitado a uma revisão sobre o alteamento segundo a literatura. Assim sendo, trabalhos futuros implicarão numa análise perceptual acerca do processo e da confirmação e/ou descarte das supostas motivações aqui apresentadas, em virtude da ausência de posicionamentos mais aprofundados sobre a distintividade em contextos citados durante o trabalho.

## Referências bibliográficas

- ABAURRE, M. B.; SANDALO, F. Assimetrias na harmonia vocálica em português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas. 56.1: 181-191. 2014.
- ASSIS, P. de et al. 1966 In: BISOL, L. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. *DELTA*. Porto Alegre, PUCRS. 2015. 31.1: 185-205.
- BISOL, L. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. *DELTA*. Porto Alegre, PUCRS. 2015. 31.1: 185-205.
- \_\_\_\_\_. A neutralização das átonas. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, PUCSP. 2003. v. 19, p. 267-276.
- \_\_\_\_\_. A Vogal Pretônica e a Diversidade Dialetoal. *Ilha do desterro*. Florianópolis, UFSC, 1988 v. 20, p. 9-18.
- \_\_\_\_\_. Harmonização Vocálica: efeito parcial e total. *Revista ORGANON*, v. 28, p. 49-61. 2013.
- CALLOU, D; MACHADO, L. Sobre o alteamento das vogais pretônicas no português do Brasil: uma abordagem acústica. *JOSS JOURNAL OF SPEECH SCIENCE*, 2017. v. 5, n.2, p. 141-157.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 27, p. 1-24. 2002.
- CAMARA, Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 36a ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARMO, M. C. A influência das variáveis sociais no alicamento das vogais médias pretônicas no interior paulista. In: CARVALHO, G.; ROCHA, D.; VASCONCELLOS, Z. (Org.). *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações (7)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013, 1ed., v., p. 283-298.
- FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da Língua Portuguesa*. 2a. Edição Revisada. São Paulo, Paulistana. 2011.
- HRICSINA, J. Evolução do sistema vocálico do Latim Clássico ao Português. *Études Romanes de Brno*. Czech Republic: Masaryk University, 2013. 34,2: 205-225.
- MONARETTO, V. O Alicamento das Vogais Médias Postônicas /e/ e /o/ sem Motivação Aparente: uma análise em tempo real. In: *I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais*. Caxias do Sul, 2011.
- SCHWINDT, L C.; COLLISCHONN, G. 2004. Harmonia vocálica variável no sistema verbal do português do sul do Brasil. *ORGANON*, Porto Alegre: UFRGS. v. 18, n.36, p. 73-82.
- \_\_\_\_\_. Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro. *ORGANON*, v. 28, p. 1-19, 2013.
- SILVA, M. B. da. Uma possível história das pretônicas brasileiras. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2013.

SOBRE O ALTEAMENTO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

TENANI, L.; REIS, M. “E veeram felizes para sempre”: análise de grafias não-convencionais de vogais pretônicas. *Verba Volant.*, Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, v. 2, no 1, 2011.

VOGELEY, A.; HORA, D. Harmonia vocálica no dialeto recifense. *ORGANON*, v. 28, p. 63-81. 2013.